

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redactor principal—ALEXANDRE VIEIRA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor—Carlos Maria Coelho

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

ANO IV—Número 1.020

Domingo, 19 de Março de 1922

PREÇO \$10 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia
Calçada do Combro, 38-A, 2.º Lisboa—PORTUGAL

Endereço telegraphico: Talhadas—Lisboa. Telefone 5339-0

Officinas de impressão—Rua da Atalaia, 114 e 115

Se persistir a proibição
das visitas aos presos de
S. Julião da Barra, estes
declaram a greve da fome.

Os operários presos em S. Julião da Barra

DECLARAM A GREVE DA FOME

se não lhes permitirem ver as famílias.

Os presos por questões sociais que se encontram detidos em S. Julião da Barra, como não lhes seja permitido ver as famílias, enviaram ao comandante de S. Julião da Barra a seguinte carta:

Ex.º Sr.: Os abaixo assinados, presos nesta torre, na prisão dos marinheiros, tomam a liberdade de se dirigir a V. Ex.ª a fim de vos expor o seguinte:
Há 9 dias que nos encontramos presos sem que até hoje nos fosse permitido receber visitas. Não compreendemos a razão de ser de tal determinação, tanto mais que os nossos camaradas presos no Forte de Sacavém e em igualdade de circunstâncias, recebem visitas estando o dito Forte de Sacavém sob as ordens também do Campo Entrincheirado, estamos resolvidos a começar recusando comida, não só da torre, como a que nos vier de nossas famílias, a

partir de amanhã, domingo, ao toque de alvorada, se hoje sábado até às 16 horas não tivermos ordens superiores que nos permitam receber visitas.
Outrossim vos certificamos que esta comunicação não encerra a mais leve desconsideração para com V. Ex.ª de quem, aliás, temos recebido atenções de que nos encontramos penhorados.
Sem outro assunto, desejando a V. Ex.ª Saúde e Fraternidade, subscrevemo-nos com toda a consideração, etc.
(Seguem 20 assinaturas)

Os fados não de cumprir-se...

O ex-ir... Hoche revelado no ex-pr... Hoche

Depois vinham as perguntas do «Primo Presidente» ao primo do «Olimo». — O que se faz aos traidores? — Matam-se. — E se ele fugir? — Procurar-se há por toda a parte até que o atinja o braço vingador!

— Estás disposto a pegar numa carabina, revólver, punhal ou bomba, e esperar onde quer que seja o tirano do povo para nele executar justiça sumária?

(Perguntas das Carbonárias aos iniciados, descritas por Armando Ribeiro.)

As nervosas perseguições exercidas actualmente em Lisboa e no Porto fazem-nos lembrar um período eminentemente histórico em que os republicanos bradaram aos seus das suas indignações revolucionárias. Então o célebre Almeida Azevedo, o famoso ex-irmão Hoche, num momento em que o carbonarismo manobrava incessantemente, sob os auspícios luminosos de António Maria da Silva, António José de Almeida, Machado Santos, Luiz de Almeida, etc., meteu ombros à ideia funesta, que architectou, de pôr em debandada a Maçonaria e de dissolver a Carbonária, as associações secretas, prendendo em massa tanto os pedreiros, como os racheiros, tanto os irmãos, como os primos.

Os cantoneiros, as choças, as barracas e as vendas, numa actividade febril, num despendimento da vida estóico, num entusiasmo louco, não esqueceram o resplendor na primeira reunião magna da Venda Jovem Portugal, o primeiro presidente do ministério, resolução que se resumia neste: «que cada um de per si tomasse a sua conta um soldado, de qualquer das armas ou serviços, fazendo-se seu amigo, falando-lhe ao coração, atraído-o por todas as formas, de maneira que se identificasse por completo com a população de Lisboa; que todos os associados informassem os seus chefes das ocorrências que se fossem dando, para que superiormente as transmitissem».

Destinava-se, primeiro, a neutralizar a obra reaccionária dos governos e a forjar a revolução que devia derruir o trono brigantino; segundo, a organizar uma contra-polícia que de tudo informasse, para tirar o máximo proveito em favor da causa republicana. ... Além disto, havia as cotas para a compra do armamento e outras despesas...

Conspirava-se, pois; aliciava-se, agitava-se e armazenava-se armamento o mais possível, com denodo, com afan, com energia, e prosseguindo-se sempre na elaboração de planos revolucionários. As associações secretas, as barracas e as choças estenderam-se desde os centros escolares, às escolas militares, dos hospitais às repartições do Estado, principalmente nos correios e telégrafos. No pessoal dos eléctricos, guarda-freios e condutores, esse pessoal que hoje está sentindo a mesma tirania, senão maior, dos governos republicanos, especialmente democráticos, havia a barraca Garibaldi.

Cóisa curiosa: o primo graduado António Maria da Silva, que emparceirou em tempos com os empregados da Carris, é, na presente ocasião, o seu mais tenaz opositor. É que ontem tinha uma máscara, que hoje caiu, feita em pedaços.

Pois quando a Carbonária, depois de 28 de Janeiro, do regicídio e do crime de Cascais, mais se desenvolvia, é que o ex-ir... Hoche se lembrou das grandes perseguições, tendo a apoiar-lhe todas as nuances reaccionárias. O descarregador da alandade, o culpado do roubo do cartucho, deu incentivo às repulsiões e às buscas atribuladas feitas nos domicílios em que haviam associações hostis à ordem social. E ante os protestos do actual presidente da república, d. Floresta, e do agora nosso representante na Liga das Nações, da L.ª, a Madrugada, ripostava o ministro do reino Dias Costa: «se há perseguições, a culpa é de quem anda em sociedades secretas a conspirar contra a monarquia ou a fazer o que quer que seja, porque eu não sei o que se lá faz. Seria melhor que em vez de perderem tempo em balandras e punhas, estivesse cada um no seu ofício, porque a nação do que precisa é de trabalho e não pode fazer trabalho sem tranquilidade e sossego».

Sabe-se, todavia, que a despolto de tudo, a monarquia caiu com estrondo...

O actual chefe do ministério, não é um ex-ir... mas um ex-pr... Hoche...

Depois do golpe que o regicídio vibrara no partido republicano histórico, o engenheiro que ora preside aos destinos do governo viera para a Carbonária, que naquela época estava colocada numa posição de defensiva e ofensiva; viera colaborar com os do bonet, os da boina e os do barrete, com os da mão calosa pelo trabalho, que a Carbonária era mais do povo do que dos dois chapéus altos; viera participar com a acção revolucionária dos interventonistas, chefiados por José do Vale, anarquistas dissidentes dos anarquistas puritanos, porque aqueles não queriam apenas propagar o ódio ao Privilégio, à Sociedade, à Propriedade; ao Roubo Legal, ao Estado opressor e absorvente, que deu em resultado a maior parte deles escapulir-se pelo alcapão dos comodismos, das conveniências, dos arr-njos, das excelentes situações, a principiar pelo próprio chefe-mestre da Carbonária Anarquista, que passou pelas avatares de Loja Irregular Obreiros do Futuro e Floresta, a quem o futuro chefe do partido evolucionista prestou todo o seu concurso; viera, enfim, dirigir aqueles que perilhavam as carabinas, os revólveres, os punhais e as bombas, elementos indispensáveis para, num braço vingador, atingirem os traidores e executarem justiça sumária no tirano do povo esgarçado. Pela mesma razão, admitia a doutrina expendida nos panfletos de pulso a Dinamite, a Revolta e o Perigo.

Hoje, porém, o cenário político modificou-se, e o antigo chefe do núcleo carbonário de Alcântara metamorfoseou-se no antigo iniciado da Loja Federação. Como a organização operária sindicalista se está a desenvolver, como a opera-

Ainda uma vez

“O público sabe bem quem o guia e quem o desen-caminha”

Este sub-título lê-se no editorial do *Diário da Manhã*, de ontem, a propósito da missão da imprensa. Oxalá assim fosse! Se assim fosse *A Capital* não estaria fazendo uma ignóbil chantagem com os organismos sindicais e com a Batalha.

A sua crítica, que chega a rogar pela infâmia pelos intuitos a que visa, pode muito bem ser aplicado este raciocínio, contido no primeiro parágrafo do seu artigo *Factos e palavras*:

«A crítica em Portugal exerce-se sem aquele sentido nobre em que consiste a sua verdadeira essência. Qualquer pessoa, dispondo de alguma audácia desbarbaçada e do conhecimento rudimentar das convenções da escrita transformam-se em crítico com tanta pressa e com tanta imperiosa necessidade, como se se tratasse de uma acção de mero expediente fisiológico».

Mas, se *A Capital* não se satisfaz com aquele naco da sua própria prosa, talvez lhe esteja a calhar estes banquetes, extraídos ainda do *Diário da Manhã*:

«A imprensa, como orientadora da opinião, necessita mais que ninguém manter-se fora das correntes e impetus perturbadores. Se a maioria dos jornais portugueses assim compreendeu o seu dever, recusando-se a transigir com glorias fáceis e aplausos suspeitos, alguns houve que, por motivos inconfessáveis, resolveram agitar, envenenar, corromper os ânimos, quando uma simples noção de higiene moral e de limpeza de mãos lhes aconselhava o contrário».

Infelizmente há jornalistas que pouco se importam com o conceito em que são tidos. Um diário é para eles o bacamarte dos antigos bandidos. Encarregam a sua pena de lhes fertilizar a mentira, a calúnia, a blasfémia, a insinuação malévol ou a acusação sem provas.

Que tenho eu com a moral, se só reconheço a soberania do meu ventre insaciável?

E que a crítica em Portugal exerce-se sem aquele sentido nobre em que consiste a sua verdadeira essência».

Compreenderá isto *A Capital*?

Rebeldias

Tenho aqui, junto de mim, um objecto precioso, um aparelho mágico todo caprichos, inventado talvez para destruir aquela santa paciência com que julgo eu — todos os mortais veem dotados quando entram neste mundo de arelhas.

É pequeno o objecto, aspecto insignificante, mal acabado. É uma autêntica caixa de fósforos amorfo. Custou-me meio tostão, embora o seu preço seja apenas quatro contos; custou-me meio tostão devido à falta de trocos que o aumento constante da circulação fiduciária ainda não conseguiu evitar.

É pois dessa caixinha mágica, a esbajadora da minha paciência, de que venho tratando. Contém ela uns tantos pausinhos rudemente talhados e quebrados, que, segundo anualmente me informavam, deviam fazer, cada um deles, uma chama suficientemente forte para acender um débil cigarro de onça.

Tenho experimentado, um a um, cada pausinho e nenhum deles produziu o efeito annciado. A caixinha mágica repousa aqui a meu lado, cansada, estafada das esfregadelas de pau que lhe tenho dado...

Já me disseram que esta partida que os pausinhos e a caixa me fizeram, visa um objectivo condenável — obrigar-me a comprar os amores de tostão de cabeça amarela e pau vermelho — e eu estou quasi a acreditar...

Mário DOMINGUES

Conferências

Universidade Popular Portuguesa

Realiza-se amanhã, pelas 21 horas, na sede desta Universidade, Rua Particular Almeida e Sousa, mais uma conferência sobre «História Popular da Arica» pelo professor sr. Armando de Lucena.

Em seguida haverá sessão cinematográfica educativa.

Contra a pena capital

O proletariado e A BATALHA conseguiram arredar, por agora, o perigo reaccionário

A propósito do assassinato — em 1875 se não estou em erro — do alferes Brito pelo soldado Antonio Coelho, o falecido general Fernandes Costa, então alferes, fazia publicar no *Diário da Manhã* um artigo violentissimo contra o assassinio, pedindo o restabelecimento da pena de morte no código de justiça militar.

A esse escrito barbaresco, rancoroso, revelador da ancestralidade de uma casta abominável, respondi pouco depois o genial poeta da *Morte de D. João*, Guerra Junqueiro — hoje uma sombra errante, então em plena florescência de mocidade e de talento poetico — com uma sátira formidável, vasada naquele mesmo bronze olimpico em que o velho Hugo fundiu, para as gerações vindouras, as estrofas vingadoras dos Castigos.

«Existe no entretanto uma fera, um abutre, Um monstro pavoroso, hediondo, que se nutre De lagrimas e sangue: é mais feroz que a hiena; Não conhece remorso e não conhece pena; Insensível à magoa, às supplicas, à dor; Forte como um juiz, cego como o terror; E involável: mata e fica sem castigo; Ainda hoje o Estado é o seu melhor amigo. Pois bem; eu que defendo o monstro que assassina Contra o braço da força e contra a guilhotina, Eu que prescrevo o algar, eu exilg'o-hi! Para infocar somente esse bandido — A Lei!»

A sátira termina com o trecho que venho de citar; mas, pois que a lei é uma abstracção, um papel impresso, um corpo insensível, claro está que o grande poeta, citando a obra o que pretendia foi alvejar o artista e, consequentemente, onde se lê: a lei, deve ler-se o legislador.

Isto assente e por que a pena de morte, pedida no *Diário da Manhã*, em 1875, não só não foi restabelecida como nem sequer teve eco no parlamento a sua invocação, refulgia que quem o autor da sátira pré-alvejou, há 47 anos, foi o deputado Cunha Leal.

Eliminando, há 60 anos, do respectivo código a pena de morte, essa disposição infame que desonra, avilta, degrada a nossa civilização, Portugal colocou-se então, em pleno regime monarquico, na vanguarda das nações que se pretendem civilizadas.

Pois bem! Foi preciso implantar-se o regime democratico, que em dez anos de existencia todos os politicos teem explorado, tornando-o tão odioso ao povo, mais odioso ainda do que a própria monarquia, e que se a restauração desta não foi nem será jamais possível, é tão somente por que o regime não pode ser responsável pelos erros, pelos crimes, pelos atentados de toda a especie perpetrados por todos os politicos, todos, todos, que o teem substituído, servindo-se do rotulo como de uma máscara, do escudo como de uma gazeta, da bandeira como de tunica de arlequim, para ludibriar, para ludibriarem o povo ingenuo, ignorante e crédulo; foi preciso implantar-se o regime democratico, dizia, para que o país descesse à ultima abjecção, qual a de restabelecer a pena de morte, essa monstruosidade que a monarquia se envergonhou de conservar!

E assumiu o odiosissimo encargo de apresentar a proposta no parlamento um individuo autolegado, há meses, por toda a imprensa burguesa, em virtude de um prelado do gesto nobilissimo por que corajoso, altruista, por ele esboçado a quando do episódio sangrento, canibalico, havia no Arsenal da Marinha!

É falso! Esse gesto não passa de uma lenda, um conto do vigário, uma manipulação, um trufo forjado nas alforjas da politica comprometida, engarrafada num bico sem saída.

Assim, o odiosissimo encargo de apresentar a proposta no parlamento um individuo autolegado, há meses, por toda a imprensa burguesa, em virtude de um prelado do gesto nobilissimo por que corajoso, altruista, por ele esboçado a quando do episódio sangrento, canibalico, havia no Arsenal da Marinha!

É falso! Esse gesto não passa de uma lenda, um conto do vigário, uma manipulação, um trufo forjado nas alforjas da politica comprometida, engarrafada num bico sem saída.

Assim, o odiosissimo encargo de apresentar a proposta no parlamento um individuo autolegado, há meses, por toda a imprensa burguesa, em virtude de um prelado do gesto nobilissimo por que corajoso, altruista, por ele esboçado a quando do episódio sangrento, canibalico, havia no Arsenal da Marinha!

É falso! Esse gesto não passa de uma lenda, um conto do vigário, uma manipulação, um trufo forjado nas alforjas da politica comprometida, engarrafada num bico sem saída.

Assim, o odiosissimo encargo de apresentar a proposta no parlamento um individuo autolegado, há meses, por toda a imprensa burguesa, em virtude de um prelado do gesto nobilissimo por que corajoso, altruista, por ele esboçado a quando do episódio sangrento, canibalico, havia no Arsenal da Marinha!

Não pode ser! É falso! O individuo que, investido dum mandato popular ousa, em pleno século xx, em nome de povo, apresentar no parlamento de um país regido por instituições democraticas, um projecto de lei a introduzir no código a pena de morte, esse individuo se não é um malfeteiro é um tarado; em qualquer dos casos absolutamente destituído do sentimento prepulsor do gesto espontâneo, dignissimo que lhe é atribuído; e aos seus elitores cabe o dever de se retirarem no largo de S. Bento e reclamarem a sua destituição, exautorando-o.

O povo em massa, sem distincção de classes, de idades e de sexos, é indispensável que por todos os meios se oponha, energicamente, à efectivação da suprema infâmia em projecto.

Poetas e prosadores da nova geração, comedistas, sem ideal, sem coragem para a luta, embuidos de um sentimentalismo doentio, voltados para o passado, pretendem criar escola sob a invocação desta fórmula — «Os mortos mandam».

Por seu turno, os politicos do regime que no curto período de onze anos arrastaram o país para o fundo de um abismo, do qual só pode ascender pela escada salvadora da Revolução Social, os politicos, vendo-se perdidos, pedem socorro à reacção ultramontana que, na cauda do núncio apostolico, com o restabelecimento das relações do Estado e da edria romana, de novo invadiu o país e se reinstalou nas posições estratêgicas avançadas em 1910 ao gesto imperativo, rápido e desinfectante do dr. Afonso Costa.

Que a nova geração intelectual fique sabendo que os mortos não mandam.

Os mortos são o passado — uma sombra — e a humanidade caminha para o futuro — o novo sol.

Quem manda são os vivos, a geração que desponha, essa geração que amanhã nos há de julgar severamente, acusando-nos de egoistas, de poltrões, de cobardes, se em vez de aplaudirmos a estrada que ela deve percorrer livre, feliz e alegre, deixarmos escapar as liberdades conquistadas pela geração que nos precedeu à custa do seu sangue precioso; se permitirmos a regressão aos tempos afrontosos do absolutismo, consentindo no restabelecimento da pena de morte.

Que a intelectualidade impotente fique sabendo, que a mocidade de há quarenta anos possuía a fé viva, o entusiasmo, a abnegação; que tinha um ideal e sabia defendê-lo com energia, coragem e altivez.

Há 40 anos, a cara rapada denunciava a impotência. Então não existia, como hoje, a juventude católica; e qualificativo teria o significado de sexo n.º 3, uma especie de corpo coral da capela sextina.

Há 40 anos não havia integralistas, havia barricadistas! Então não havia casibegues cintados nem pulseiras de relógio; havia cadeleiras revoltas e punhos crispados!

Então não havia ministério do trabalho; havia cotas a pagar para despesas da propaganda.

Que a mocidade intelectual aprenda com Henri Barbusse: «que o optimismo é o eterno cúmplice de todos os malfeteiros!»

Quanto aos politicos, que do regime teem feito seu exclusivo logradouro há 11 anos, que reduzem o país à última miséria, se a vertigem ainda os não empolgou totalmente, que eles ponderem, que o período histórico que atravessamos está cheio de surpresas trágicas.

Que a salvação telegraphica ao bonzo do Vaticano não apaga a luz do archote que inflama a alma das multidões!

Que pode muito bem repetir-se, multiplicado por 50, o episódio da cabeça de Launay, o último governador da Bastilha.

E que se o povo trabalhador tiver de subir pela segunda vez a serra de Monsanto não será, exclusivamente, na de fesa do regime.

C. P.

(Ler continuação na 2.ª página)

A ORDEM PASSA...

Os operários presos no forte de S. Julião da Barra declaram hoje a greve da fome, como protesto por não lhes serem consentidas as visitas das famílias

Há 9 dias que se encontram presos, sem culpa formada, grande número de operários. A sua prisão obedeceu ao desejo que o governo tinha de se cercar dum prestígio que não possui, de evitar o vácuo que a sua volta se estava fazendo.

Existia — como continúa existindo — o cerco a Lisboa. Milhares de soldados, rodeavam e rodeiam a cidade numa attitude extranha. Boatos circulavam desfavoráveis ao governo — e o governo não os desmentia.

Podia afirmar-se, sem receio de exagerar, que o país estava de costas voltadas para o governo. Era, portanto, para ele uma questão vital, chamar as atenções, e depois mostrar que possuía energia, que tinha força. Numa só frase: era um governo que governava. Ora o governo não tinha muitos modos de sair da sua situação embaraçosa e estava arriscado a rolar tristemente para uma queda definitiva.

Nesse momento precisava duma greve geral. Mas — oh desgraça das desgraças — a greve geral não rebentava, os operários não lhe forneciam a ocasião que ele necessitava para assegurar-se. E como a ocasião se não proporcionava, o governo procedeu como se ela existisse.

E daí as violências, as perseguições, as prisões de operários. Lá estão nos fortes pagando com a sua liberdade os mirabolantes trues a que o governo se apóia desesperadamente para se manter.

O golpe que o governo premeditou deu o efeito desejado:

A Associação Commercial foi cumprimentada-lhe felicitando-o por aquilo que ela considera medidas preventivas.

Eis a razão porque se encontram presos os operários. Seria portanto escusado, leimar em perguntar ao governo a razão determinante das tais «medidas preventivas». Porque o governo não mais diria a razão. Compreendem-se os motivos.

Há nove dias que os operários se encontram nos fortes. Diz, terminantemente a lei, que ninguém pode estar mais de oito dias preso, sem culpa formada.

E os operários, apesar disso, ainda se não encontram em liberdade.

Estão presos ilegalmente. A lei determina que eles devem ser libertados. O governo coloca-se acima da lei, contra a lei, conservando os presos. A lei para o governo não passa dum pedaço de papel que ele amarrara e pôe de parte, sempre que, procedendo as-

sim, serve as suas conveniências politicas, que estão muito acima das leis do regime de que eles se dizem defensores.

Uma desumanidade se tem cometido, desumanidade a mais não ser revoltante:

Continua-se a recusar obstinadamente a visita das famílias aos presos. Há oito dias que elas realisam, com graves sacrificios, fisicos e economicos, viagens de comboio, descontando enormes distancias percorridas a pé, no intuito de os visitar. As suas esperanças teem sido ludadas.

E' debalde que elas se expõem ás incógnstancias deste março horrivel, subjugadas pelo vento, importunadas sob a chuva.

Semelhante violência revoltou os presos. Segundo informações por nós recebidas, informações que reputamos seguras, os operários presos no forte de S. Julião da Barra estão na disposição de declarar a greve da fome, se persistir a proibição das visitas das famílias.

Eis o extremo desespero a que as violencias governamentais vão reduzir os operários.

Recusar aos operários, victimas da odiosa maquinação governamental, a

Clemente Vieira dos SANTOS.

visita das famílias constitui uma violência contra a qual não deixaremos de protestar.

Veremos se o governo persiste em agravar a formidável violência praticada com uma monstruosa desumanidade.

O PROTESTO OPERARIO

Sindicato Unico Metalurgico

Os corpos gerentes do Sindicato Unico Metalurgico, na sua reunião de ontem, protestaram contra as prisões dos operários metalurgicos, tendo a comissão da Caixa de Solidariedade resolvido prestar o auxilio aos camaradas sindicados, o que fará na próxima terça-feira aos que estão em S. Julião da Barra e na quarta-feira aos que estão no forte de Sacavem.

Secção do Poço do Bispo

Reuniram-se hoje pelas 14 horas todos os metalurgicos desta área para protestar contra as últimas prisões e outros assuntos de interesse para a classe.

Sindicato Unico da Construção Civil

Correspondendo ao convite que este organismo fez ontem para que fossem tiradas quotas pelas obras e oficinas a favor dos camaradas presos, já ontem mesmo foram entregues algumas naquelle Sindicato, esperando que sejam entregues as restantes. Aquelle Sindicato pede a todos os camaradas que correspondam ao apelo, mostrando assim a sua solidariedade para com os camaradas presos.

Núcleo Juvenute Sindicalista

Reuniram os corpos gerentes deste núcleo que protestaram energicamente contra as prisões em massa de operários especialmente jovens sindicalistas, demonstrando-se assim o propósito dos governantes em coartarem a liberdade de pensamento e de exercer as poucas liberdades que o proletariado goza.

Indignadamente se revoltam contra os maus tratos dados a famílias de camaradas que nos fortes da liberal republica se encontram.

Mais uma vez aconselham aos jovens sindicalistas de Lisboa a máxima calma e serenidade perante as prepotências da Ordem, demonstrando assim o que são.

Secção Mobilíaria

Reuniu, tendo condenado vibrantemente a attitude hostil do governo para com as classes trabalhadoras e protestado energicamente contra as prisões de operários que nenhum delito cometeram.

Reúne hoje às 21 horas a comissão administrativa.

Pró presos por questões sociais

Reuniu esta comissão com a presença de delegados dos seguintes organismos: Mobilíarios, Construção Civil, Manufactores de calçado, União Textil. Entre outros expedientes apreciouse uma carta enviada de S. Julião da Barra em que os presos faziam sentir a sua indignação por não serem permitida visita das suas famílias o que esta comissão constata com bastante indignação e resolveu tratar do assunto com as entidades competentes.

Esta comissão apela para todos os camaradas em geral a fim de auxiliarem monetariamente os camaradas presos, podendo dirigir-se todos os dias, à sede desta comissão, das 9 horas às 23, Calçada do Combro, 38-A, no gabinete da U. S. O.

União dos Jardineiros

Reuniu extraordinariamente a comissão administrativa que apreciou as prisões arbitrárias de operários. Foi deliberado protestar energicamente contra semelhante iniquidade.

SETUBAL

Núcleo Juvenute Sindicalista

Reuniu tendo lavado um protesto energico contra as perseguições exercidas contra as classes trabalhadoras e contra a prisão de operários.

C operariado protesta contra as violências governamentais

Os delegados das classes operárias, reunidos em sessão, deliberaram por unanimidade protestar contra as últimas e iníquas prisões de operários.

Foram ontem postos em liberdade os seguintes operários que se encontravam no forte de S. Julião da Barra: Guilherme Castro, Artur Correia de Araújo, Eduardo de Almeida e José de Almeida Figueiredo.

ESPERANTO

Uma conferência na Sociedade de Geografia

Ante-ontem, na Sala Algare da Sociedade de Geografia, realizou-se a sessão inaugural do Centro Esperantista, que funcionará junto da citada Sociedade.

Após uma breve allocução do presidente, foi lido o expediente pelo secretário do Centro, sr. Saldanha Carneira, que, em seguida, fez um vibrante discurso em Esperanto, historizando a criação do Centro e declarando que o seu objectivo é a officialização do Esperanto e a sua introdução nas escolas. Em seguida, explica que o coronel John Pold, esperantista, não assiste por motivo de doença, e, terminando, saudou o velho esperantista Rodolfo Horner, o primeiro leccionador de Esperanto em Portugal.

O sr. Rodolfo Horner, que começa por saudar os esperantistas em nome da U. E. A. e Grupo Esper de Genebra, refere-se a obra da Cruz Vermelha durante a guerra, cita números, refere-se ao Congresso da Cruz Vermelha que aprovou a adopção do Esperanto, e finalmente, refere-se ao Congresso de Praga, cuja assistência computa em 2.500 esper, de 35 países, terminando por congratular-se pelo facto de encontrar, entre a assistência, alunos do seu curso de 1907.

Na assistência, em que predominam os esperantistas operários, manteve-se um visível interesse durante a conferência.

Contra a pena capital

(Continuação da 1.ª página)

Protesto do proletariado

Protestaram contra a pena de morte: Sindicatos da Construção Civil de Mesinheiros, Empregados Menores dos Correios e Telégrafos de Braga, Operários Alfaiates e Costureiras da Póvoa de Varzim.

Na Provincia

Em Coimbra continua a ser discutida a questão

COIMBRA, 16. — Sem receio de desmentido, podemos garantir que no geral, a tentativa do comediante politico sr. Cunha Leal em restabelecer o assassinato de estado, causou em Coimbra grande indignação.

Vários organismos operários, como noticiámos, protestaram contra tal, estando um grupo de criaturas dispostas a iniciar uma activa propaganda contra tal intento, do que desistiram pelo motivo do politiquês encolher as gargangas sangüinárias.

O século barão, para não sair das suas tradições de arlequim de feira, não publicou uma grande parte de consultas que nesta cidade mandou fazer.

Limitou-se apenas a publicar duas, que, por sinal, foram um grito vibrante contra a pena de morte. — C.

Em Extremoz, se Cunha Leal não desiste, estavam dispostos a fazer comícios

ESTREMOZ, 17. — Lavra ainda grande indignação contra o projecto de restabelecimento da pena de morte.

Se o sr. Cunha Leal não tivesse desistido do seu intento, as classes trabalhadoras manuais e intellectuaes estavam dispostas a promover energicos comícios de protesto. — C.

Em Cezimbra também protestam contra a pena de morte

Cezimbra, 17. — C. — Foi apreciada pelo Sindicato dos Marítimos a odiosa pena de morte, sendo lavado o mais solene protesto.

Porto, 18. — A «Luz Emancipadora» reuniu e protestou contra a pena de morte.

NOTAS & COMENTARIOS

Ora vejam lá...

Mr. Philipe Berthelot, ex-ministro francês, esteve, como devem estar lembrados, em Lisboa, sendo alvo de muita consideração por parte das pessoas respeitáveis do nosso país. Pois Mr. Berthelot regressou há pouco tempo a França foi acusado de irregularidades que, por enquanto, não passam de segredo de Estado.

E parecia uma pessoa tam capaz, aquele ex-ministro!

Para o paraíso!

Fala-se agora em suprimir o direito à greve e acabar com as oito horas de trabalho. O país precisa de sossego e produção. A greve é a desordem? Suadamos a produção recente-se de oito horas de trabalho? Venham as dez horas. E depois, deixem subir as batatas de dez tostões para dois escudos que passemos a viver num perfeito paraíso.

As 8 horas

Da Arcada fornecem aos jornais a seguinte nota:

«No intuito de se contrapor a acção da Confederação Geral do Trabalho, consta que uma importante colectividade vai promover sessões de propaganda nos principais centros do país, sob o tema genérico. O regime das 8 horas de trabalho afecta profundamente a economia nacional.»

Pois está muito bem. Cá esperaremos pelas conferências. Em breve principiaremos a fornecer-lhes alguns elementos de critica...

O caso das manteigas

E A campanha de O TEMPO

A firma MARTINS & REBELO, viadada numa campanha que se vem há tempos desenrolando nas columnas do jornal O Tempo, e depois de chamada a atenção da direcção deste para a sem razão da mesma, resolveu chamar a responsabilidade o autor dos respectivos artigos, a fim de este, caso não venha a provar a veracidade das suas tendenciosas afirmações, ser lido, havido e julgado como calunioso.

Instaurado o respectivo processo, por abuso de liberdade de imprensa, veio nele assumir a responsabilidade dos referidos artigos o director do mesmo jornal, Simão de Laboreiro, não indicando assim o verdadeiro nome do autor dos mesmos artigos.

Pena é que assim tenha sucedido, pois muito desajava saber a firma alvejada se seria a mesma pessoa que uma vez, na véspera do começo de tal campanha, procurou um dos sócios da referida firma, prevenindo-o de que se levantava essa campanha, e indagando se elle estava disposto a evitá-la, pagando certa quantia — ou não que não foi atendido — e que, depois de encetada essa campanha, de novo procurou o mesmo sócio, fazendo-lhe ver que seria conveniente fazer susta-lhe mediante certo pagamento, sendo então corrido e com um ligeiro pontapé, que parecia nada o ter magoado.

MARTINS & REBELO

JUVENUTDES SINDICALISTAS

Núcleo do Barreiro — Para tratar de assuntos de importância, reúne hoje pelas 16 horas a comissão administrativa. A mesma hora devem comparecer na sede os camaradas Manuel Calado, Alvaro Cruz e Luis Fonseca.

AS GREVES

Pessoal da Carris

NOTA OFICIOSA

A todos os assalariados da Carris de Ferro

Presados camaradas: Já fizemos 31 dias de luta e ainda não ganhámos, mas talvez já não faltar muitos dias para poderemos dizer: o pessoal lançou-se na luta em favor de dois perseguidos pelos reaccionários donos da Carris e apesar de ter contra si a Companhia, câmara, governo e a imprensa que se vende a quem mais dá, conseguiu com grande esforço e pesados sacrificios ganhar a sua causa! Para isso, camaradas, apenas precisamos que todos se conservem em boa união e desprezem quantos convites e chamadas a Companhia faça, sem que reabram o nosso sindicato e sem que a Comissão de Melhoramentos vá com poderes dados pelo pessoal reunido tratar com os nossos exploradores, da nossa situação. Sem isso, e sem que este Comité vos indique, que ninguém se apresente.

Se assim souberdes proceder lembrai-vos que a vitória há de ser nossa, pois que é necessário que todos tenham o exemplo dos grandes, que tam depressa estão aos muros como estão ao lado da Carris, a questão é eles verem que a barriga vai ficar em perigo ou o tacho está em risco de se quebrar!

Porte não havéis tido, também de ser unidos até ao fim? Repara! que está em perigo o pão das companheiras e inocentes filhinhos de 2-300 empregados que o poderoso sindicato infamemente explora!

Não deixeis ir por água abaixo as regalias que nos 3 últimos anos temos alcançado, e que para a sua supressão os beneméritos directores e outros mandos da Carris estão aguçando os dentes.

Penseis antes que éreis tam parvos, que fôsseis entes aos guardafreios municipais e civis cerca de 100 carros para eles os arrebitarem sem que tivéssemos já pensado onde ir buscar o dinheiro para se refazerem desses prejuizos? Não! Estão pensando que as regalias que retem ao pessoal, junto com a economia que fazem dando ao pessoal 12 horas de trabalho, lhes chegará bem para compensar esses prejuizos.

Camaradas: É preciso que apreciéis a forma rapida e satisfactoria (para a Companhia Carris) com um socialista que tem trono no Palácio do Pelourinho, e que se chama Augusto César dos Santos lhe conseguiu um aumento de tarifas que lhe deve render a bagatela de 10.000 contos. Porque será que aquele acerrimo defensor das classes trabalhadoras, quando a companhia pediu a câmara um aumento de tarifas com o fim de dar ao pessoal 15 e ficar ele com os 85 restantes, aquele senhor em inflamados discursos recusava esses aumentos, e agora que o pessoal nada pediu a não ser a readmissão de dois camaradas perseguidos é ele o primeiro a apresentar uma proposta autorizando a companhia a roubar ao povo de Lisboa mais a pequena importância de 10.000 contos? Porque seria? Costávamos que ele nos desiluisse! Talvez que os directores da Carris o tivessem hypnotizado com algumas... notas de mil escudos.

Camaradas: Não deveis esquecer que amanhã, domingo, deveis visitar das 12 às 14 horas, no Limoeiro, grupo C, os nossos camaradas Armando Martins, Claudio dos Santos e José Augusto Martins, que, acusados pelo infame Silveira Ladoeiro, na sua inunda folha, conseguiram satisfazer os seus desejos pelas republicanas autoridades! Na mesma Bastilha devem visitar tambem os seis camaradas presos na madrugada da declaração da greve, no governo civil, a qualquer hora, o camarada Manoel Rolo, e no forte de Sacavem os camaradas Manuel Dias Marques e Mario Marques Costa. Lembrai-vos que por motivo de eles serem dedicados camaradas e por mais coisa nenhuma estão a ferros da liberal republica portuguesa.

Camaradas: Quanto à normalização, continua sendo o que todos podem verificar, apesar da imprensa que se vende de nada dizer a respeito dos constantes choques, abaloamentos e descarrilamentos. Ontem, entre outros, há a mencion um choque na Avenida quando um camion carregado de garrafas, e à noite, pelas 22 horas, o carro 434 descarrilou na Rua Domingos Sequeira, à Estrela, ficando atravessado na rua até à 1 hora da madrugada, hora a que o conseguiram carrear e se não se atravessasse na rua teria bater contra a parede da Igreja da Estrela.

Compararamos como sempre os intellegentes engenheiros (mocós de freies) da Carris que demoram apenas 3 horas a carrear um carro que os estapiados operários que agora estão em greve carrearão em 20 minutos! E no entanto a normalização accentua-se de dia para dia, como dizem os comunicados nos jornais que a companhia generosamente mantém para bem a servirmos! Que seria de algum se a Companhia lhes faltasse! Mas enfim, camaradas, fazei por levar a cruz ao Calvário porque os sacrificios que agora fazeis serão mais tarde compensados quando as classes trabalhadoras, conscientes dos seus direitos e tambem dos seus deveres, souberem impor aos nossos exploradores mais respeito pelos que trabalham. Até lá, sabi esperar com calma e desprezai todos os jornais que vos exploram e envenenam e comprai, lidei e fazei propaganda do nosso órgão A Batalha, que desassombradamente defende todos os que, como nós, empregados da Carris, trabalham de cara a descoberto sem que ninguém nos possa chamar ladrões, assambradores e exploradores da humanidade.

Camaradas: Aproveitando a ocasião, deveis saudar os nossos camaradas marítimos, que ao fim de 33 dias de luta conseguiram, em parte, ver satisfeitas as suas reclamações, porque, brilhantemente unidos como um só homem, sem uma única defeição, se conservaram um longo periodo sem pão, mas no fim ganharam a sua causa. E seria melhor ainda se os camaradas fogueiros de mar e terra lhes seguissem o exemplo e acitassem as deliberações da sua Federação.

Em todo o caso, camaradas, deveis seguir o exemplo dos marítimos, porque uma classe que assim procede merece de todos os que trabalham a sua admiração.

Este comité esperando que vós, sabereis trilhar o caminho da honra e dignificação sindical, etc

Os operários mobiliários

Os operários em greve da casa Venâncio do Nascimento, juntamente com os outros seus camaradas das cutras officinas, reuniram ontem em assembleia magna para apreciar a marcha do movimento parcial, que prossegue sem novidade de maior. Feitas algumas observações por diversos oradores e lida a nota do comité dirigente, foi deliberado acatar as determinações do mesmo, que aconselham a que ninguém retorne o trabalho nem que vá trabalhar para outra qualquer parte sem previa autorização, mantendo-se assim a boa disciplina sindical e a boa marcha do movimento.

Nota officiosa da Comissão de Melhoramentos

Presados camaradas: — Tem esta comissão effectuada varias demarches, o que tem dado grandes resultados. Esperamos em breve concluir os nossos trabalhos, que serão apresentados ao conselho de delegados que para esse eleito deve reunir no local já conhecido.

Esta comissão convida os camaradas a visitarem na cadeia do Limoeiro os nossos prestimosos camaradas presos, assim como no Governo Civil os que lá se encontram e ainda os que estão no Forte de Sacavem.

Camaradas: Espera esta comissão de poder reunir a classe no nosso Sindicato amanhã, o que será anunciado nos jornais diários, visto que à segunda feira não se o nosso órgão A Batalha.

A Comissão Administrativa do nosso Sindicato, que não se tem poupado a sacrificios, já se tem avistado com o governador civil, que a tem recebido muito agradavelmente.

Camaradas: Apesar da vitória se aproxima, ainda é preciso muita união e firmeza, porque a Companhia, se nos encontrar fracos, evidentemente procurará todos os meios para nos esmagar.

Lembrai-vos que está em perigo a caixa de reformas, a subvencão, os 12 dias de licença, os 50 000 na doença e outras regalias. E como não perder? É simples!

Desprezai as chamadas da Companhia, acatad só os ordens do nosso comité e não retorneis o trabalho enquanto elle não o ordenar.

Operários Chapelheiros

NOTA OFICIOSA

Continua inalterável a greve do pessoal da fábrica A Lisbonense Lda. Foi recebido um officio das camaradas chapelheiras de Braga, no qual nos declaram prestar todo o auxilio moral e material.

Para se aquilatar da moral do traidor José Castilho, encarregado da subfalta dizer que não teve medo de faltar infamemente vários objectos de ouro a um camarada de S. João da Madeira, quando da sua estada naquela localidade. Ho dum camarada que atualmente trabalha em Lisboa.

Como tudo isto é triste!

NO PORTO

A dos operários tipográficos

PORTO, 17. — C. — A classe tipográfica desta cidade, que se tem conservado unida como no primeiro dia, effectua ontem, como nos dias anteriores, duas assembleias magnas, muitissimo concorridas. Na da noite, a comissão encarregada de se entrevistar com os industriais deu conta das suas diligencias feitas durante o dia, parecendo que algumas casas estão na disposição de atender as reclamações da Liga das Artes Graficas, se não no total, pelo menos em parte. Um membro da direcção explicou tambem algumas informações a respeito da attitude dos industriais, que devem reunir hoje para tomar uma resolução em definitivo, em virtude dos tipógrafos não aceitarem a tabela de salários aprovada por uma parte da classe dos industriais, reunida na sua respectiva associação. Essa tabela de salários, como já dissemos, divide os tipógrafos em classes, cuja classificação, afinal, fica sempre ao arbitrio do patrão ou do gerente, visto não haver escolas profissionais independentes onde o artista possa tirar a sua respectiva carta ou respectivo diploma. Por isso succede muitas vezes que um remediado de 2.ª classe sabe mais ou tanto do que um de 1.ª, o mesmo acontecendo com o compositor de 1.ª (pagador) e o de 2.ª, que tambem podem saber das duas especialidades e de remediado.

Além disto, os salários designados na referida tabela, a adoptar-se tal qual estavam elaborados, eram um contrasenso e uma medida incriticavel. A tabela estabelecia, por exemplo aos remediados de 1.ª classe, 6550 e aos de 2.ª, 5550; aos compositores de 1.ª, 5550 e aos de 2.ª, 4550. Havendo casas que os ordenados de alguns remediados e compositores são maiores e iguais, acontecendo que a uns tinha-se de diminuir os ordenados, e outros ficariam na mesma.

Quanto aos restantes salários, o aumento era insignificante. O que se deveu aos compositores, dava-se igualmente com os impressores.

Segundo consta, alguns industriais já concordaram com o oleiço da tabela, e daí a resolução de quererem estudar outra plataforma de conciliação. Na reunião magna foi lavado um protesto pela prisão de Carlos Guedes Leal, acusado de ser autor ou cúmplice da bomba reventada junto da residência de João Pinto, sócio gerente da tipografia Mendonça. Conforme declarações feitas na assembleia, aquele operário gráfico estava, à hora da explosão, em casa, deitado, constatando-se que se trata duma perseguição sistemática. Na mesma reunião, tambem foi verberado o atentado, porquanto a classe tipográfica nunca usou daqueles processos de violência, vindo tão somente no gesto talvez um artil de algum para que a classe em luta seja vítima de perseguições e o seu sindicato encerrado.

Depois de uma hora de verdadeira sessão de propaganda, que decorreu entusiasticamente, foram nomeadas mais três comissões, duas para coadjuvarem as demarches junto dos industriais e uma para se avistarem com as autoridades, a fim de conseguir a libertação do camarada preso acima referido.

A sessão terminou aos vivas à greve, solidariedade gráfica e operária, orquestração sindical, etc

Os operários mobiliários

Os operários em greve da casa Venâncio do Nascimento, juntamente com os outros seus camaradas das cutras officinas, reuniram ontem em assembleia magna para apreciar a marcha do movimento parcial, que prossegue sem novidade de maior. Feitas algumas observações por diversos oradores e lida a nota do comité dirigente, foi deliberado acatar as determinações do mesmo, que aconselham a que ninguém retorne o trabalho nem que vá trabalhar para outra qualquer parte sem previa autorização, mantendo-se assim a boa disciplina sindical e a boa marcha do movimento.

Operários colchoeiros

Os operários desta especialidade da industria de mobiliário continuam em luta, que se agravou devido ao industrial José Gomes Trindade. Este senhor que se intitula o orientador dos seus colegas, maneja-os a seu taiaite, ofereceu aos operários 50%, terminando o conflito porque os outros patrões seguiram-se-lhe na esteira. Porém, como os reclamantes não aceitassem, pugnando pelas reclamações primitivas, impôs aos outros industrialistas a continuação da resistência, conseguindo mesmo que alguns, que já tinham dado, sob palavra de honra, a adesão às reclamações do sindicato, voltassem com a palavra atrás. Só três dos industriais é que confirmaram o seu carácter, não indo com o alijamento de Gomes Trindade. Este mesmo cavalheiro, de revindita, publicou, juntamente com os seus aderentes manciados, um comunicado, afirmando que só dá 30%, em virtude das exigências operárias serem muito exageradas. Ora as exigências exageradas são 60%, de aumento nos salários. Danço elle 50%, faltavam só 10% para a completa satisfação das reclamações, que muito bem podia dá-las. Mas por uma questão de catture, refere que a greve se prolongue, eludicando os seus titeres neste sentido.

E os operários fazem-lhe a vontade, resolvendo prosseguir na luta até ao fim.

Manufactores de calçado

As fábricas A Portugal e Norte America continuam fechadas, em virtude dos seus operários, manufactores de calçado, não desistirem das suas reclamações de caracter economico. Contudo, uma comissão delegada tem conferenciado com os respectivos industriais, parecendo que brevemente os seus esforços vão ser coroados de êxito, attendendo às promessas que elles lhes tem feito. Espera-se mesmo hoje uma resposta definitiva.

Com o fim de conseguir a libertação dos dois operários presos sem motivo justificado, uma comissão nomeada para esse fim avistouse com o chefe do distrito, que fez as promessas do costume.

Os tamanqueiros reuniram ontem em assembleia geral para tratar do aumento de salário, ficando uma comissão encarregada de apresentar uma nova tabela na próxima reunião, que se realiza quinta feira, 23 do corrente, pelas 20 horas.

Metalurgicos do ramo de ferro

A greve dos metalurgicos do ramo de ferro continua em caminho de solução, em virtude de vários industriais estarem na disposição de negociar com o Sindicato Unico Metalurgico, por a Associação Industrial ter tomado a iniciativa, como lhe competia, de resolver o assunto officalmente.

Acceptaram a plataforma conciliatória, aprovada em reunião de classe, as seguintes casas: Vieira & Silva, Evaristo Teixeira, Joaquim Rodrigues da Costa e Manuel Gonçalves da Fonseca, officinas de serrallheria.

Na sede do Sindicato conserva-se um delegado, que fornecerá todas as explicações necessárias e que receberá todas as adesões que lhe sejam enviadas.

A classe ontem reunida protestou contra as noticias publicadas nos jornais de ontem e referentes aos seus camaradas Saul de Sousa e Luis Rocha, porquanto é falso que os mesmos instigassem à greve. Assim o declarou o pessoal da casa Senteiro, na esquadra do Campo Pequeno, e ontem perante o sr. commissário adjunto, declarando mais que abandonou o trabalho por espontanea vontade e por o dito industrial não receber esses camaradas que iam em comissão simplesmente negociar com o dito industrial.

Em Gaia, mantem-se inalterável tambem, a greve desta especialidade.

Os operários, na sua reunião de ontem, retiraram a sua confiança ao comité bem como demonstraram a sua inabalavel resolução de só retomar o trabalho quando as suas reclamações forem atendidas, assim como as dos seus camaradas do Porto.

Foi, em seguida, aprovada uma plataforma conciliatória dimanada do comité central, a qual já foi aceite por alguns industriais.

A plataforma restringe-se ao aumento de 50 por cento nos ordenados até 3000 e de 150 nos ordenados superiores, comprometendo-se os industriais a aumentar mais, desde que assim fique resolvido no final do conflito.

Ourives da prata

Reuniram igualmente os operários ourives de prata, em assembleia magna, para apreciar a marcha da greve parcial das casas Machado & Irmao, Ildio M. P. dos Santos, António Ribeiro Nunes, António Moreira Branco e José Nascimento Monteiro.

A classe, depois de constatar a boa marcha da greve, resolveu contribuir monetariamente com o máximo possível para os grevistas, aprovando um documento pelo qual é reiterada a sua confiança no comité dirigente da greve.

Tanto o comité, como as demais comissões, tem-se esforçado para que a vitória dos ourives de prata seja um facto, não se notando o menor desalecimento entre os grevistas. Da firmeza que sai o triunfo.

Solidariedade

Realiza-se hoje, pelas 20 horas, no Centro Espanhol, rua da Palma, 272, 1.ª, a recita em auxilio dos camaradas António Pinto da Cruz e Joaquim Rodrigues. A comissão lembra a todos os camaradas que não tenham bilhetes e queiram auxiliar aquelas camaradas, que ainda se encontram a venda.

Telefone C. 2.049

Uma peça encantadora

Exito sem igual

NOTE

CARTA ANONIMA

TEATRO DE S. CARLOS

Companhia ALVES DA CUNHA

que faz parte da actriz BERTA DE BIVAR

A illustre actriz ANGELA PINTO em representações

HOJE — Às 21 horas — HOJE

O original português em 4 actos de Artur Ochan

AVIDA

Tomam parte no espectáculo: Angela Pinto, Berta de Bivar, Alves da Cunha, Samuel Diniz, Lino Ribeiro, António Palma, Armando Cruz, Isabel Berardi, Geleste Leão, Maria Emilia, Maria Prata, Ferreira, Neves e Guerra.

Encenação de Araujo Pereira

Grupo Libertário Amigos do Bem — Reúne hoje, às 20 horas, no local do dia 19, Urrente.

Grupo Libertário A Terra — Este grupo, na sua última reunião, resolveu passar a denominar-se «Grupo Libertário-Mocidade Livre» devendo reunir amanhã pelas 20 horas.

QUEIXAS E RECLAMAÇÕES

Uma mulher dos diabos

Queixa-se Amadeu dos Santos, que se encontra detido no governo civil, de ter sido burlado pela mulher com quem vivia, Maria dos Soldados, natural de Santarém.

Maria dos Soldados fugiu-lhe, subtraindo-lhe vários objectos caseiros, tendo ainda por cima feito queixa no governo civil de Amadeu dos Santos, dizendo que este a roubara. Devido a esta queixa foi Amadeu dos Santos preso, estando a sofrer até que a verdade se restabeleça.

Ao que parece Maria dos Soldados tambem já é conhecida em Santarém pelas suas proezas.

Camarada, fixe bem

Para comprares calçado precisas duma casa que te sirva honestamente? Pois não hesites, procura o

PAYLHÃO AMERICANO

R. Marques do Alegre, 77

Agressão

Francisco Ramos, de 34 anos, natural de Vila Franca de Xira, é cocheiro do proprietário Francisco Manuel Pereira, morador na mata da Arruda em cujas cocheiras aquelle reside com o abego Joaquim Frutuoso, de 28 anos, e o guardador de gado, José Mendes, de 15 anos. Ontem de manhã o Mendes deu por falta duma onça de tabaco que havia guardado num bolso do casaco. Suspeitando que fôsse o Mendes que lhe tivesse tirado, censurou-o por esse facto. O Frutuoso acudiu em defesa do rapaz, acendendo por agredir o Ramos com as facas.

Acudiram vários trabalhadores que apartaram a desordem. O ferido que recebeu na Arruda os primeiros socorros recolheu ao hospital de S. José. Depois de receber curativo recolheu a enfermaria de St. António não sendo grave o seu estado. O agressor foi preso.

operários das Obras do Estado

A comissão de melhoramentos do Sindicato Unico da Construção Civil, conjuntamente a comissão de melhoramentos dos mestres de obras e officios Edificios Publicos, tendo ontem entrevistado o sr. Olívio Nunes Malheiros, director dos Edificios e Monumentos Nacionais sobre o aumento de salários para os camaradas que trabalham nas obras dos edificios publicos e Bairro Economico da Ajuda.

Esse senhor respondeu às comissões que tinha já enviado à administração geral o resultado dos trabalhos feitos aos aumentos a dar e imediatamente a reunir com o sr. administrador geral, para depois serem dadas as devidas ordens para a effectuação dos pagamentos com o aumento concedido. Declarou que empregaria todos os esforços necessários para que essas ordens se não demorassem a ser cumpridas.

As comissões, amanhã, entrevistarão o sr. administrador geral e engenheiro sr. Craveiro Lopes que superintende no bairro economico da Ajuda para que o assunto fique definitivamente resolvido até à próxima quarta-feira e a confecção de folhas, a fim de que o pagamento do aumento seja feito no sabado, 25 do corrente.

A BATALHA

A BATALHA na provincia e arredores

Teatros

Comissões Extraordinárias de Repressão da Contra-Revolução, da Sabotagem e dos Abusos cometidos pelos funcionários, mais conhecidos, por abreviação dos termos russos, com o nome de Tchê-Ka e de Tchê-Ka-Ka, foram suprimidas pelo decreto de 6 de Fevereiro. O desaparecimento do temível aparelho de defesa interna da revolução proletária parece abrir para a Rússia a era da paz civil.

Em redor das Comissões Extraordinárias, nascidas da intervenção estrangeira, dos complotos, do terror branco, do perigo de morte da revolução, e que exerceram o Terror, formaram-se no estrangeiro várias lendas. Por isso julgamos útil dar sobre a Tchê-Ka as informações colhidas em grande parte dos "Jornais" de Moscú.

Fato notável, as Comissões Extraordinárias formaram-se e desenvolveram-se em seguida às agressões externas e internas da contra-revolução. A iniciativa do terror pertence sempre a esta. As Comissões Extraordinárias foram fundadas em 7 de Dezembro (velho estilo) 1917, isto é, mais de seis semanas depois da revolução de Outubro.

Em 29 de Outubro, isto é, três dias depois da tomada da posse do poder pelos soviets, as escolas militares insurgiram-se contra o governo proletário e o "Comitê de Salvação do Estado" lançou seu apelo à guerra civil. As missões militares estrangeiras invadiram a contra-revolução espalhando um dia para o outro a queda do bolchevismo e não ocultava as suas intenções de acabar por uma vez com todos os elementos revolucionários.

Nascida nestas circunstâncias, da resistência da burguesia e da pequena burguesia à Revolução, a Comissão Extraordinária não era um tribunal, mas primitivamente um simples aparelho de informação e de instrução judicial rápida. Não manteve por muito tempo este papel. A luta tornava-se cada vez mais feroz. Os atentados sucediam-se em atos de violência. Os "complotos" eram permanentes e inúmeros.

A Comissão Extraordinária abreviou as formas do processo. Para ser mais temível e mais forte, era forçado que tivesse imediatamente e sem remissão. O seu poder cresceu. Pronunciou e aplicou condenações. No começo fez-lo com moderação. Durante os seus sete primeiros meses de existência (1917-1918) a Tchê-Ka só fustigou 22 pessoas, entre os quais se não encontrava nenhum contra-revolucionário.

Nesta época de desagregação social o banditismo tomava nas cidades proporções terríveis. A polícia não existia, a noite saqueava-se e a matança era o primeiro fusilado foi o príncipe Ebeli, aventureiro, "chanteur", que tinha usurpado as funções de membro da Comissão Extraordinária. Os 21 outros fusilados eram simples assassinos.

Em Julho e Agosto de 1918 as organizações brancas fazem por toda a parte o apelo ao terrorismo. E como repressão dos atentados da contra-revolução a Comissão Extraordinária no momento em que a reacção implacável—como se observou na Filândia—parecia estar perto do triunfo, decidiu-se por seu turno a exercer o terror.

Os primeiros inimigos políticos fusilados, foram em Agosto de 1918 e pertenciam à União para a Defesa da Pátria e da Liberdade, responsável pela destruição de Jaroslavl, pela tomada de Kazan pelos brancos, etc.

Foi em resposta ao assassinato do Comissário da Imprensa Comunista de Petrogrado, Volodarski e ao atentado contra Lênine, que o terror se generalizou.

Em 1918, o Conselho dos Comissários do Povo criou as Comissões Extraordinárias na frente Oriental (Teoslovaca), nas regiões fronteiriças e nos exércitos em que as frações eram frequentes. Em 1918 constituiu-se a Secção militar da Tchê-Ka.

As Comissões Extraordinárias alargaram-se paralelamente à frente da contra-revolução.

Em Janeiro de 1919 a revolução julgou por momentos ter vencido. Os tchecoslovacos e Koltchak tinham sido derrotados, as costas do Báltico estavam na posse dos vermelhos, a vaga da reacção decreta.

Imediatamente a Comissão Extraordinária supprime as suas secções locais de distrito. Mas continuam as ofensivas de Youditch e Denikin, apoiadas pela ofensiva interna dos complotos promovidos em especial pelo "Centro Nacional". É novamente a traição, a agressão, a conspiração, a sabotagem de novo trouxeram o terror.

Youditch e Denikin foram derrotados. Em Janeiro de 1920 a Comissão Extraordinária Pan-russa propôs ao Conselho dos Comissários do Povo a supressão da pena de morte. Esta medida foi adoptada.

Mas não durou muito tempo. Agora é a Polónia que ataca a Rússia vermelha e por uma ofensiva energética toma Kiev.

Coimbra 16 DE MARÇO

Patifes ou tolos?
O Despertar, bi-semanário que nesta cidade se publica e é assinado pela divisa da cidade de pedidinho de assinatura acompanhada de lamurias de algum lá de casa, está-se portando para com a classe organizada com um processo comotivo, que se não é de tolos, é de recheada má fé ou seja de retinta patifaria.

E senão vejamos: De quando em quando publica artigos e "sueitos" de revolta e protesto contra a carestia da vida onde reconhece que as classes pobres estão numa situação deveras afilada, mas... para dar uma no cravo e outra na ferradura, ou para ser agradável ao grupelho político por quem é inspirado, serve-se da fábula verdadeiramente jesuítica, combatendo os movimentos grevistas que no geral são para reclamar mais um pouco de pão.

E agora, no último número deu-lhes para atrair a sua baba peçonhenta para os jovens sindicalistas, acusando-os de bombistas, assassinos, etc., afirmando que o presente momento é de clima da parte do governo.

Calma! mas então os senhores que rabiscanham no Despertar (à excepção de claro de alguns, como os srs. Ernesto Donato e Rasteiro Fontes) não terão conhecimento que as prisões da capital se estão enchendo de operários que praticaram o crime nefando, de estarem em liberdade?

Rebentam bombas que ferem inocentes? Sim, é verdade, mas quem garante ao Despertar que essas bombas são dos grevistas ou dos jovens sindicalistas? Por acaso lá pela redacção não são conhecidas as declarações de um graduado da célebre polícia da Segurança do Estado, que afirmou que muitas das bombas apreendidas, etc., eram obra da mesma polícia para justificar o grosso salário e mover perseguições?

E para terminar lembramos ao Despertar que a missão jornalística não é instigar o governo a perseguir uma grande falange de rapazes que aspiram uma Sociedade Futura onde predomine o bem-estar, que tanto falta neste regime de bajuladores e tiranetes.

Carestia da vida
Os géneros de primeira necessidade, continuam a subir a um custo verdadeiramente louco, sem que os ordenados do pobre proletário tenham tido o mais pequeno aumento.

A situação assim é insustentável, mas a organização operária necessita finalmente de um grande impulso, para atenuar a desgraçada situação do proletariado.

Aos militantes e corpos directivos dos organismos competentes o desejo já enuncia uma activa campanha pró-organização sindical.

Empregados de Hotéis, Restaurantes e Cafés
Estes camaradas, que fortemente estão organizados, devem reunir na próxima segunda-feira, a fim de elegem os seus novos corpos gerentes, e discutir e aprovar o regulamento interno.

Alfaiates e costureiras
Para tratar da carestia da vida e outros assuntos de alta importância para a classe, devem reunir na próxima semana os componentes desta classe. — C.

Guarda
16 DE MARÇO
Contra a pena de morte
Reúniam os empregados menores dos Correios e Telegrafos e protestaram energicamente contra a pena de morte. As classes de trabalho desta cidade vão-se todas manifestando contrárias à monstruosa tentativa das forças reaccionárias, cuja ideologia de sangue foi momentaneamente interpretada pelo sr. Cunha Leal. O burlião do "Seculo", que deu uma notícia falsa, deve agora convencer-se de que mentiu.

As birras do bispo provocam uma manifestação anti-clerical
Morreu, há dias, nesta cidade, o sr. José Gonçalves, fabricante de calçado que gozava de gerais simpatias. Mas sucedeu um caso significativo. Como a família era católica, esta pretendeu que o enterro fosse realizado religiosamente. Porém o bispo, alegando que o falecido estava casado apenas civilmente, não consentiu isso, dando o caso motivo a protestos de várias procedências, especialmente dos republicanos anti-clericales, pois alegavam que o facto significava uma declaração má vontade contra as leis da República.

Uma comissão de livres-pensadores fez um apelo ao povo liberal da Guarda para que accorresse ao enterro, não só para ser afirmada a opinião liberal da cidade, contrária aos sectarismos ultramontanos, mas como protesto à atitude do bispo.

Póvoa de Varzim 15 de Março

Resposta à conferência do arcebispo de Evora
Conforme noticiem numa das minhas últimas correspondências, o Centro e Biblioteca de Propaganda Social desta vila, resolveu editar um manifesto respondendo à conferência que o sr. arcebispo de Evora realizou nesta localidade no dia 18 de Fevereiro p. p. sobre o tema "A questão social".

O manifesto, que foi distribuído profusamente nos últimos sábado e domingo, tansou grande sucesso. E o assunto em discussão em todos os centros de cavaco. A resposta foi dada com elevação e profundidade de conhecimentos.

N. R.—Por ser bastante longa a resposta, não a podemos hoje publicar, o que faremos oportunamente.

Praia da Nazaré 17 de Março
Naufrágio de um barco de pesca
Devido à inesperada agitação do mar, naufragou na madrugada de 15 do corrente um barco de pesca, da chamada "arte chavaga", pertencente à viúva de Silvestre Fanfa, cuja tripulação a custo se salvou.

Pouco depois do salvamento dos naufragos saiu para o mar o salva-vidas "Senhora dos Afliados" a fim de prestar os necessários socorros a mais três barcos que estavam a naufragar, tentativa esta coroada felizmente pelo melhor êxito.

A propósito acentuaremos que foi verdadeiramente digno do maior elogio a valentia e abnegação demonstradas pelo bravo marinheiro e patrão do salva-vidas, sr. Joaquim Bernardo de Sousa Lobo, ex-cabo do mar desta localidade.

Nova Câmara
Como tudo que brilha pela sua fundamental inutilidade e se asilixia no apertado círculo da sua intolerável ambição e estúpido comodismo, desapareceu definitivamente—e já não era sem tempo—a Câmara Municipal de triste memória da não menos triste presidência do sr. José Antonio Pacheco.

Em virtude desse desaparecimento surgiu, como era lógico e as circunstâncias o impunham, uma nova edilidade composta de burgueses, comerciantes e industriais, que por ser de provisoriedade não funcionará até as eleições da futura vereação que há de ter lugar no dia 3 de Abril próximo futuro.

De todos os problemas exclusivamente afectos à vereação municipal e cuja solução se impõe imediatamente, o que mais mereceu as atenções da Câmara recém-nacida foi, como devia de ser, o problema da limpa pública, pelo qual já podemos respirar um pouco mais de ar puro. — C.

NO BOMBARRAL
Propaganda Sindical
BOMBARRAL, 17.—Realizou-se uma importante sessão de propaganda, na Associação Mista dos Operários do Bombarral.

Na sessão tomou parte um delegado da Federação dos Trabalhadores Rurais. Sendo notada a presença da burguesia da terra e do administrador do concelho correram os boatos mais disparatados, chegando a dizer-se que haveria mortes e coisas mirabolantes. Mas, o delegado da Federação Rural, ao fazer uso da palavra, começou por lamentar o quanto seria de pernicioso, o odioso projecto de lei que o sr. Cunha Leal pretendia pôr em prática, para restabelecer a pena de morte em Portugal.

Começou em seguida a explicar as vantagens da organização, e o cãos em que se encontrava o país por culpa dos seus dirigentes, o que mereceu reparo da parte da burguesia presente, porque não lhe agradando o estarem a ouvir verdades, iam fazendo algum sussurro, com fins reservados, para interromper a sessão, o que não conseguiram! No entanto, o camarada que fazia uso da palavra, disse tudo quanto tinha a dizer sem ser interrompido, (não sendo talvez por falta de vontade) mas contra a razão não há argumentos.

Não havendo mais nenhum camarada que desejasse usar da palavra, terminou esta bella sessão de propaganda, saindo o delegado com a impressão de que o Sindicato Unico dos Rurais em breve se organizaria.

MÚSICA
Orquestra Sinfónica de Lisboa
E' hoje que no Politeama se executa o concerto extraordinário, em festa da Orquestra Sinfónica de Lisboa, dedicada ao seu illustre regente, o maestro Fernandes Fão. O programa completo, admirável como vai ver-se, é o seguinte:

1.ª PARTE — Mancini, *Cleopatra*, abertura; Brahms, *Concerto*, para violino e violoncello, com acompanhamento de orquestra, (1.ª audição em Portugal); solistas: Luis Barbosa e Fernando Costa; Allegro, Andante, Vivace non troppo.

Atropelado por um automóvel
No banco do hospital de São José receberam ontem curativo Joaquim da Costa Guimarães, de 11 anos, natural de Faro, polido e residente na rua dos Anjos, que no largo do Intendente foi atropelado por um automóvel fazendo um entorse no pé direito.

Commodos

	Compra	Venda
Libra esterlina.....	548000	550000
Paris.....	18014	18038
Italia.....	12514	12518
Belgica.....	86900	18038
Suica.....	28202	28218
Espanha.....	18729	18738
Berlim.....	6141	6148
Holanda.....	42620	42638
New-York.....	104534	104538

BREVEMENTE

Inauguração da Secção de Calçado NA
Havaneza do Sacramento
Rua do Sacramento, 19 e 21 (Alcântara)
O proprietário desta casa, António de Sá Júnior, que é um dos muitos amigos de A Batalha, aconselha o povo a procurar os seus estabelecimentos pois que se encontra na disposição de combater os assombramentos.

Aos trabalhadores organizados, mediante apresentação da caderneta sindical, far-se-á um desconto de 5,00, e mais 1,00 para o jornal A Batalha.

N. B.—O fornecimento a 6 meses, por enquanto, só se refere ao calçado. Todos os outros artigos tem o desconto de 5,00 para os socios das cooperativas e sindicatos, e 1,00 para A Batalha, a prestação pagamento, exceptuando o de livros, vestuário, tabaco nacional e fósforos.

Tabacaria Condes
AVENIDA DA LIBERDADE, 6
Havaneza do Carmo
CALÇADA DO CARMO, 43

Manuel Marques
FALECEU
O camarada Artur Cardoso, operário fundidor de Casa da Moeda e activo militante do Sindicato Unico Metalurgico, participa a todos os seus camaradas e amigos o falecimento do seu sogro Manuel Marques, antigo empregado da Alfandega, e que o seu funeral se realiza hoje, sendo o préstito fúnebre, a pé, da rua da Cova da Moura, n.º 21, 2.ª, às 14 e meia horas, para o cemitério da Ajuda.

A COMUNA

Semanário Comunista Libertário
Redacção e Administração
Rua do Sol, 131 — PORTO

ESPARTACO

A administração de A BATALHA acaba de adquirir 16 exemplares desta obra que se vende ao preço de 4500 (2 volumes). Pelo correio, registado, 4550.

Cooperativa Operária de Crédito e Consumo do Beato e Poço do Bispo
Por ordem do sr. presidente da mesa da assembleia geral é a mesma convidada a reunir em 1.ª convocação no dia 22 e em 2.ª no dia 29 do corrente mês para apreciação do relatório e contas da direcção e parecer do conselho fiscal do exercicio de 1921.—O secretário, Duarte Xavier.

Motores de explosão
Encontra-se à venda na Secção de Livraria de A Batalha, a 3.ª edição desta magnifica obra. Preço 6500. Pelo correio registado 6590.

Uma chávina de cacau da SIC
vale mais como alimento, que 5 chávines de café, e não é prejudicial à saúde como este.

Destruindo a mentira

A associação dos operários manipuladores de pão e os "panificadores"
Uma igrejainha de defesa capitalista, que para lá, com o nome de "panificadores", denominando-se operária, vem em diversos locais, como sempre fez, defendendo os seus interesses, que não são os da classe que está guardando.

Ao ler as absurdidades que lá se escrevem, tivemos a impressão de que lhe contradiziam as palavras amargas que nos chegaram ao ouvido: mas, pura ilusão a nossa! porque nem a nós se refere.

Como nós numa notícia localisamos naquella igrejainha os seus membros, viam logo com as mesmas irreverências de cães rufes, julgando amedrontar-nos.

Bem sabemos que existe no nosso papel de defensores do capital; mas deveis saber, que nós não estamos para vos aturar e seria muito loucura que a do sr. Mendonça se casasse com os interesses da pura doutrina.

Dizem no artigo que a "Portugal e Colónias" não reconhece esta associação. Para provar quanto tem de verdade, essa afirmação, repetam no documento que segue.

A Associação, de classe dos operários Manipuladores de pão.

A Companhia Industrial Portugal e Colónias compromete-se a aceitar e a pagar, a partir de 1 de Abril corrente, os aumentos de salário no seu pessoal Manipulador, repositores, ajudantes, etc., a ser presidido pelo governo e Ministério da agricultura, e por nós desde que o governo, ou o parlamento, adoptem as conclusões a que chegou o comitê de interesse às indústrias de Moagem e Panificação, nomeada por portaria de 5 de julho do ano findo, ou outras para nós equivalentes.

Desastre

Na enfermaria de Santa Joana do hospital de São José deu entrada Narcisca Joaquina, de 54 anos, natural de Abrantes e residente na travessa dos Molinhos, 6, r/c, à Ajuda, que nutria carvoaria na mesma rua foi colhida por uma saca de carvão, ficando com a perna direita fracturada.

Desordem

No Banco do hospital de São José recebeu curativo e seguiu para o Posto da Mouraria, Isaias Morgado, de 25 anos, natural de Aveiro e residente no logar da Esqueira, concelho de Aveiro, padreiro, que numa taberna na rua dos Alamos, se envolveu em desordem com outro individuo ficando levemente ferido com uma facada no ventre.

Explorando os que trabalham

Somos informados que uma fábrica de camisolas em Algue de Cima, pertencente ao sr. Joaquim Nogueira, se obrigou a dar operárias a trabalhar 10 e 12 horas diárias, sem que as horas extraordinárias sejam remuneradas. As operárias que ali trabalham são na sua maioria de tenor idade.

Classes que reclamam

Pessoal da Fábrica de Tecidos do Dáfundo
Os operários que trabalham na Fábrica de Tecidos do Dáfundo fizeram uma reclamação de 20 por cento sobre os actuais salários, que são de 1800 para mulheres e 5500 para homens. O patrão concorda com a reclamação, mas o mestre, que julga talvez os operários muito ricos, só concorda com 10 por cento.

Se não forem atendidos, aqueles operários tencionam declarar-se em greve.

QUEDA

Na enfermaria de Santo Alberto do hospital de São José deu entrada Francisco Esteves, de 24 anos, natural de Alenquer, descarregador e residente no Campo Grande, que no mercado Geral do Gado deu uma queda fracturando a perna direita.

8, R. dos Cavaleiros, 20, com filial no n.º 6